



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**

**FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

CAROLINA DE PAULA RODRIGUES

**RELATÓRIO DE PROJETO EXPERIMENTAL
SER MULHER: UMA JORNADA MAIS QUE DUPLA**

Bauru
2015

CAROLINA DE PAULA RODRIGUES

RELATÓRIO DE PROJETO EXPERIMENTAL
SER MULHER: UMA JORNADA MAIS QUE DUPLA

Relatório de Projeto Experimental apresentado em cumprimento parcial às exigências do Curso de Jornalismo da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação do Departamento de Comunicação Social da UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

Orientador do Projeto Experimental:
Prof. Dr. Maximiliano Martin Vicente

Bauru
2015

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Maximiliano Martin Vicente, por ter sido tão bom orientador;
A meus pais, Ana Márcia e Gercio, e ao meu irmão, Vinícius, pelo apoio
incondicional;

Ao meu namorado, Pedro, por toda a ajuda e paciência;

Ao meu amigo, Gabriel, por me auxiliar na produção do livro-reportagem;
E a todos que de certa forma contribuíram para a realização deste trabalho.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	5
1.1 Contextualização do tema.....	5
1.2 Justificativa.....	6
1.3 Objetivos.....	8
1.3.1 Objetivo geral	8
1.3.2 Objetivos Específicos.....	8
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	10
2.1 Tema.....	10
2.2 Gênero e formato.....	14
2.2.1 Livro-reportagem.....	14
2.2.2 Reportagem.....	15
2.2.3 Perfis.....	15
2.2.4 Fotografia.....	15
3 METODOLOGIA.....	17
3.1 Descrição das atividades executadas.....	17
3.1.1 Pré-produção.....	17
3.1.2 Produção.....	17
3.2 Descrição das técnicas empregadas.....	19
3.2.1 Perfis.....	19
3.2.2 Fotografia.....	20
3.2.3 Entrevista.....	20
3.2.4 Reportagem.....	21
3.2.5 Jornalismo Literário.....	22

3.3 Descrição do produto final.....	22
4. PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO.....	24
4.1 Público-alvo e circulação do produto.....	24
4.2 Custos de produção.....	24
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização do tema

A participação das mulheres como lideranças em diferentes áreas da sociedade é cada vez maior: na política, na cultura, na educação, no campo, nos movimentos sociais. Hoje, elas conquistaram um espaço que de certa forma não existia ou se existia era considerado um espaço informal, sem muito reconhecimento.

De acordo com a pesquisa *Mulheres Brasileiras e Gênero nos Espaços Públicos* (2010), realizada pela Fundação Perseu Abramo (FPA), 52% das mulheres brasileiras fazem parte da População Economicamente Ativa (PEA). Isto é, mais da metade da população feminina atua no mercado formal (26%) e informal (19%), sendo que 7% aparecem como desempregadas.

Percebe-se, então, que as mulheres estão cada vez mais presentes nos entremeios da vida pública. É indiscutível que as lutas femininas e feministas das últimas décadas permitiram que as mulheres chegassem a diferentes instâncias de poder e se inserissem no mercado de trabalho.

Os questionamentos sobre a restrição das mulheres ao espaço privado (casa) e ao cargo de esposa, mãe e cuidadora foram, em boa parte, desencadeados pelas atuações dos movimentos feministas, especialmente a partir da década de 1960, e impulsionados pelas mudanças socioeconômicas e demográficas que repercutiram no interior das famílias. Assim, aspectos como a expansão da presença feminina no mercado de trabalho, a separação entre o exercício da sexualidade e a reprodução (com a disseminação da contracepção hormonal), entre outros, são destacados como impulsionadores de uma (re)configuração da identidade feminina. (COUTO; SCHRAIBER, 2013, p. 49)

Entretanto, ao analisar os dados de outra forma, encontra-se que 48% das mulheres não fazem parte do PEA. Ou seja, quase metade da população feminina não atua no mercado de trabalho. Isso demonstra que ainda há muito o que ser feito neste sentido e que ainda há mais espaços a serem conquistados. Afinal, as

condições em que se dá essa nova realidade são desiguais: a mulher ainda tem remuneração inferior ao homem mesmo quando ocupa cargos iguais, também tem carga horária maior que a do homem, sofre com o machismo diário e com as violências, físicas e simbólicas, entre outras circunstâncias.

Ainda segundo a pesquisa, 91% das mulheres afirmam viver em uma casa na qual a mulher é responsável pelo trabalho doméstico (seja pelo trabalho da mãe, de alguma irmã ou tia ou pelo trabalho próprio) e apenas 3% dizem que a responsabilidade é de um homem (pai ou marido). Dentro dos 91% citados a cima, 69% afirmam serem as próprias responsáveis pelos afazeres domésticos. Confirma-se em dados, portanto, a dupla jornada da mulher.

Ressalta-se, contudo, que essa tendência [de trabalhar dentro e fora de casa] não repercute igualmente entre os homens, visto a dificuldade destes em abarcar novas atribuições no espaço privado (casa) e mesmo em lidar com a crescente presença das mulheres nos espaços públicos e de atuação política. (COUTO; SCHRAIBER, 2013, p. 49)

Considerando este cenário, produziu-se um livro-reportagem com perfis de mulheres que estão em posições de liderança. No geral, entendeu-se como interessante e necessária a discussão a fim de contextualizar a atual sociedade capitalista e patriarcal, na qual existe um jogo de poder entre homens e mulheres, definido basicamente pela dominação masculina e pela histórica e naturalizada submissão feminina.

1.2. Justificativa

Mais do que traçar os perfis, o objetivo era também analisar os elementos e caminhos que permitiram que as mulheres chegassem a diferentes instâncias de poder, tanto na esfera pessoal quanto na profissional, com a história do feminismo. Considerando também que o assunto está em constante análise dentro e fora da academia, produziu-se um livro-reportagem que relaciona as vertentes teóricas com exemplos de mulheres atuantes como líderes.

Aqui, as palavras “líder” e “poder” não estão relacionadas com a questão do dinheiro, de as mulheres serem líderes e poderosas por terem dinheiro ou algo relacionado com isso. Entende-se “poder” como a influência que mulheres comuns podem ter no ambiente em que vivem.

A ideia era discutir também de que maneira as mulheres lidam com esse poder. Apesar da repressão constante advinda do machismo histórico, as mulheres criaram ferramentas de luta e enfrentamento. SAFFIOTI (1992, p. 184) diz que “a relação de dominação-exploração não presume o total esmagamento da personagem que figura no polo de dominada-explorada” e, assim, a mulher reagiu e continua reagindo.

O livro-reportagem, com texto e foto, foi a plataforma escolhida devido ao fato de ser mais acessível em alguns quesitos. O primeiro deles é a linguagem, que não é científica, e sim jornalística, portanto de mais fácil entendimento, podendo atingir um maior número de pessoas. O segundo é a possibilidade de fazer com que o público leitor se identifique com a temática, uma vez que encontra exemplos reais de mulheres (através dos perfis); isto é, o livro traz um pouco da prática e não se prende tanto à teoria, o que pode ser mais interessante do que uma pesquisa monográfica, já que o público alvo não é necessariamente acadêmico. O terceiro é a diagramação, que se diferencia por ser um livro-reportagem, ou seja, ele foi estruturado de forma mais atrativa, não simplesmente com texto corrido; a ideia foi explorar um tamanho maior de páginas, bem como a utilização de colunas que deem respiro ao texto (o que se assemelha às revistas) e de fotos que ilustrem e facilitem o entendimento.

De acordo com Edvaldo Pereira Lima (1998, p. 17), o livro-reportagem permite a utilização de vários “recursos operativos próprios da prática jornalística” e, portanto, justifica-se a escolha do gênero ao se pensar na experiência de um futuro jornalista.

O livro-reportagem apresenta características que na essência são iguais às que você está acostumado a encontrar em toda mensagem jornalística, mas ao mesmo tempo reveste-se de

aspectos muito específicos. Essa especificidade concede-lhe um “jeitão”, um modo todo particular de fazer jornalismo. (LIMA, 1998, p. 18)

Além do texto, a fotografia foi explorada a fim de complementar os perfis, isto é, permitir que o leitor visualize um pouco do que é aquela personagem, que ele veja, em forma e cor, a expressão de cada uma daquelas mulheres. BARTHES (1984, p. 20) afirma que a foto é objeto de três práticas ou intenções: o fazer, o suportar e o olhar. Por isso, mais do que simplesmente ilustrar o texto, a fotografia vem como um diferencial, que permite um olhar mais completo e detalhista das personagens, dando suporte e significado a suas características peculiares e únicas.

1.3 Objetivos

1.3.1 Objetivo geral

Produzir um livro-reportagem com perfis de mulheres em diferentes instâncias de poder/liderança.

1.3.2 Objetivos Específicos

- a. Produzir perfis de mulheres em instâncias de poder/liderança, além de uma reportagem introdutória sobre os caminhos que possibilitaram a chegada dessas mulheres ao poder;
- b. Explorar o uso de fotos, que possam ilustrar os perfis;
- c. Escrever os capítulos em linguagem jornalística acessível;
- d. Diagramar o livro-reportagem de uma maneira que fique mais agradável ao leitor e seja mais atrativo;

- e. Exercitar a prática jornalística, por meio do pensamento de pautas e execução de entrevistas, escrita, fotos e diagramação;
- f. Servir como fonte para outros trabalhos;
- g. Inspirar outras mulheres.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Tema

Como já dito, a mulher ocupou instâncias de poder/liderança, mas as dificuldades ainda são várias. Neste cenário, é interessante e necessário contextualizar a atual sociedade machista, capitalista e patriarcal, que legitima esse processo de repressão à mulher. Além disso, é essencial também destacar as lutas femininas e feministas que contribuem para o combate às diferenças de gênero e que fazem das mulheres um agente social, político e cultural representativo e indispensável.

SAFFIOTI (1992, p. 184) diz que “todas as sociedades realmente conhecidas revelam dominância masculina, ainda que esta dominância varie de grau”. Dessa maneira, evidencia-se o fato de que a sociedade mundial é historicamente machista. No Brasil, a realidade não é nada diferente.

O termo “machismo” está bastante presente nas discussões atuais, mas não é fácil defini-lo. COUTO, SCHRAIBER (2013, p. 54) conceitualizam o machismo como “um sistema de ideias e valores que institui, reforça e legitima a dominação sobre a mulher”. Assim, percebe-se que historicamente o homem tem o direito de dominar e oprimir a mulher. Essa relação machista existe há tanto tempo e é tão frequente que foi naturalizada, tratada como normal, inerente ao ser humano.

Couto e Schraiber destacam, então, que existe uma naturalização da submissão feminina. A mulher é vista como o sexo frágil e essa naturalização se baseia no aspecto biológico – a mulher como mãe e reprodutora – e cultural – a mulher como fraca, sensível. Ademais, as diversas instituições da sociedade contribuem para tal cenário: a Igreja, a escola, a família.

Como propõe Welzer-Lang (2001), a dominação masculina (sobre a mulher) se apoia em um paradigma “naturalista” que defende a “pseudonatureza” superior dos homens. Tal dominação, fruto de

uma violência simbólica, pode ser reconhecida no imaginário social, sendo considerada o resultado de um longo processo de construção acerca do “ser homem” e do “ser mulher””. (COUTO; SCHRAIBER, 2013, p. 54)

O machismo está inserido em um sistema capitalista e patriarcal que é mais amplo e nele se legitima. ENGELS e MARX (*apud* SAFFIOTI, 1992, p.184) afirmaram que “a primeira divisão do trabalho é aquela existente entre o homem e a mulher para a procriação”, referindo-se ao fato de ser a mulher quem engravida e é responsável por procriar e reproduzir. Essa é a esfera reprodutiva, já citada, da qual somente a mulher faz parte. Os homens, historicamente, fazem parte da esfera produtiva, isto é, ao gerar e movimentar capital, ao trabalhar, ganhar dinheiro e sustentar a família. Entretanto, a mulher não pode também ocupar a esfera produtiva, trabalhar fora de casa e gerar capital? Os dados já apresentados confirmam que sim pode, mas que as condições em que isso se dá são desiguais e quase sempre prejudicam as mulheres.

Além de capitalista, a sociedade é patriarcal. WEBER (*apud* SAFFIOTI, 1992, p.193) definiu patriarcalismo como “a situação na qual, dentro de uma associação, na maioria das vezes fundamentalmente econômica e familiar, a dominação é exercida (normalmente) por uma só pessoa, de acordo com determinadas regras hereditárias fixas”. De acordo com todo o contexto apresentado, conclui-se que essa pessoa é um homem.

De acordo com dados da edição 1091 da revista Exame (2015, p. 32), as mulheres representam 43% nos cargos de base em empresas, ou seja, são quase metade dos funcionários. Porém, ocupam apenas 8% de cargos de presidente ou vice-presidente, mesmo tendo maior qualificação acadêmica e profissional do que os homens. Fabiane Stefano, autora do texto, afirma que “há mais de duas décadas as mulheres são maioria nas universidades brasileiras” e que em 2013, por exemplo, o número de mulheres graduadas em administração foi superior ao de homens em todo o país.

Isto é, não importa se a pessoa tem mais qualificação, se for uma mulher, ela estará naturalmente em desvantagem, porque tal postura foi socialmente aceita por séculos. É uma questão de gênero.

BEAUVOIR (1980, p. 9) disse: “não se nasce mulher, torna-se mulher”. Esse foi um marco na história do feminismo, quando começou a se questionar os aspectos naturalizados da mulher.

Mas, também não é fácil definir o que é feminismo. De acordo com Clara Averbuck (2015):

Feminismo não prega a dominação das mulheres sobre os homens. Feminismo clama por igualdade, pelo fim da dominação de um gênero sobre outro. Feminismo não é o contrário de machismo. Machismo é um sistema de dominação. Feminismo é uma luta por direitos iguais.

Quando a mulher enxerga essas questões de dominação, torna-se consciente do machismo opressor presente na sociedade e o combate, ela se empodera. O termo “empoderamento” vem do inglês “empowerment” e está relacionado com a possibilidade de emancipação individual e também coletiva.

O empoderamento implica, pois, no reconhecimento das restrições sociais a que a categoria está submetida e da necessidade de reversão dessa situação, por meio de mudanças em um contexto amplo/público (inserção em cargos de poder/decisão, educação não sexista e serviços de saúde adequados) e também em contextos mais específicos ou individuais (aumento de autoestima e autonomia, reorganização do trabalho doméstico, etc). (CORTEZ, SOUZA, 2008, p. 172)

Ou seja, no caso da mulher, empoderar-se é emancipar-se da dominação masculina e ter consciência dessa relação de poder. No coletivo, empoderar-se é fazer parte de um movimento que lute por essa emancipação: o movimento feminista.

No Brasil, o movimento feminista se estabeleceu bem depois que na Europa e EUA e está diretamente relacionado com a resistência à ditadura. Com o golpe em 1964, a resistência e luta pela liberdade vieram tanto dos homens quanto das mulheres. Não havia distinção, as mulheres também pegavam em

armas e mesmo as militantes pacíficas iam às ruas e protestavam pela volta da democracia. SARTI (2004) diz que “as militantes negavam o lugar tradicionalmente atribuído à mulher (...) comportando-se como homens, pegando em armas e tendo êxito nesse comportamento”.

O feminismo inicial brasileiro esteve ligado com os conceitos de socialismo e com os ideais de Marx. Muitas dessas mulheres fugiram do país ou foram exiladas. Lá fora, principalmente na Europa, tiveram contato com um feminismo mais maduro e quando voltaram para o Brasil, com o fim da ditadura, puderam colocar em prática os aprendizados.

No começo, era um movimento essencialmente das camadas médias. Depois se expandiu e se constituiu em um movimento interclasses. É importante ressaltar que o feminismo sempre foi múltiplo e o é também no Brasil. Existem várias vertentes e várias formas de ser feminista, principalmente em um país plural e miscigenado como o Brasil.

Com o reconhecimento oficial pela ONU (Organização das Nações Unidas) da questão da mulher como um problema social, e após o ano de 1975 ser declarado como o Ano Internacional da Mulher, o feminismo saiu aos poucos da clandestinidade e ocupou múltiplos espaços. As mulheres foram se colocando dentro dos partidos políticos e dos movimentos sociais, a fim de ter voz e lutar por melhorias diversas.

Nos anos 1980 começaram a ser implementadas políticas de enfrentamento à violência, com a criação de delegacias especializadas de atendimento às mulheres. Emergiram também as discussões sobre políticas públicas para as mulheres. Duas das mais recentes e mais importantes são a Lei Maria da Penha (2006) e a Lei do Femicídio (2015).

Todo esse processo foi difícil, uma vez que, como já foi dito, o machismo está enraizado e ainda predomina nas diversas relações da sociedade. De qualquer maneira, as mulheres estão ocupando cada vez mais espaço, políticos, sociais, culturais, etc. e o mercado de trabalho. Com o advento da internet,

passaram a se posicionar também nas redes sociais e em blogs e sites feministas.

Este livro considera, portanto, que as lutas das mulheres são múltiplas, uma vez que suas demandas também o são. Dessa maneira, o objetivo é trazer exemplos reais de mulheres que lidam, cada uma a sua maneira, com essas questões de poder, dominação masculina, machismo e opressão. Mulheres que conquistaram seu espaço, apesar de todas as dificuldades.

2.2 Gênero e formato

A proposta era produzir um livro-reportagem com perfis e fotos das personagens, além de um capítulo introdutório, produzido em forma de reportagem. A escolha foi feita por se acreditar que o livro é mais duradouro, no sentido de que pode circular por mais tempo do que uma matéria de jornal, por exemplo, e ter assim maior contribuição para o jornalismo. Além disso, pensou-se na questão da escrita jornalística baseada no Jornalismo Literário, que é mais acessível e pode estar mais próxima dos leitores do que um texto acadêmico.

2.2.1 Livro-reportagem

LIMA (1998, p. 17) diz que o livro-reportagem pode e deve se aprofundar no tema proposto, uma vez que “penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos periódicos”. Além disso:

Em outras palavras, o livro-reportagem poderá ser a ponta-de-lança para o desenvolvimento de um jornalismo holístico, que busca uma abordagem contextual e dinâmica da realidade. (LIMA, 1998, p. 16)

Utilizou-se, então, o jornalismo em parceria com a literatura para traçar uma narrativa de não-ficção que correspondesse à realidade.

2.2.2 Reportagem

A reportagem é um dos formatos mais utilizados no jornalismo, uma vez que permite uma abordagem noticiosa mais completa do fato. PESSA (2009) afirma que “a reportagem visa atender a necessidade de ampliar os fatos para uma dimensão contextual e colocar para o receptor uma compreensão de maior alcance” e é isso que se pretendia com a reportagem introdutória: contextualizar e permitir maior compreensão do tema proposto.

2.2.3 Perfis

Ainda de acordo com Lima (2008, p. 15-16), o perfil “é uma reportagem que tenta, quando bem realizada, como que “dissecar” sob vários aspectos uma pessoa”. Em *Páginas Ampliadas*, o autor aprofunda:

Trata-se da obra que procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública ou de uma personagem anônima que, por algum motivo, torna-se de interesse. (...) No segundo caso, a pessoa geralmente representa, por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão. (LIMA, 2009, p. 51-52)

Dessa maneira, entendeu-se que os perfis das personagens escolhidas para o livro-reportagem representam, mesmo que indiretamente, o grupo de mulheres que ocupam diferentes instâncias de poder, mesmo que suas histórias de vida e vivências sejam distintas.

2.2.4 Fotografia

BARTHES (1984, p. 36) diz que a fotografia existe pelo princípio da aventura. E a aventura pressupõe curiosidade e coragem de se imergir em realidades diferentes das que o pesquisador/jornalista vive. Assim, entendeu-se

que aventurar-se pelo mundo de cada uma das personagens é essencial e disso nasceu a importância da fotografia dentro dos perfis.

3 METODOLOGIA

3.1 Descrição das atividades executadas

3.1.1 Pré-produção

A pré-produção do livro foi composta pelo levantamento bibliográfico e pela pesquisa de possíveis fontes para os perfis e também para a reportagem introdutória. A maior parte do material bibliográfico, como textos, artigos e matérias jornalísticas, foi encontrada na internet. Alguns livros foram comprados, outros emprestados por amigos e alguns pegos na biblioteca da Unesp em Bauru. O contato inicial com as fontes se deu por meio de email, facebook, whatsapp e ligações telefônicas.

3.1.2 Produção

Selecionou-se as seguintes personagens:

a. Olívia, 64 anos, presidente da Associação de Moradores do Geisel, um dos principais bairros de Bauru. Integrante de uma das primeiras famílias a se mudar para o bairro, Olívia luta por melhorias para a comunidade há anos e pretende não parar tão cedo.

b. Ivete, 54 anos, moradora do assentamento Horto Aimorés, entre Bauru e Pederneiras. Após muitos anos de luta por um pedaço de terra, Ivete conquistou um lote e aos poucos está pagando por ele. Hoje, tem sua plantação e vive disso. Uma grande conquista foi a construção de sua casa e a instalação de um poço artesiano.

c. Ana Cláudia, 44 anos, juíza do trabalho de Bauru. Após muitos anos de estudo e trabalho em diferentes cidades do estado de São Paulo, Ana Cláudia conquistou o cargo de juíza e planeja uma promoção como desembargadora.

Preocupada com questões sociais, procura sempre exercer a justiça com bom senso e ética.

d. Regina, 41 anos, professora do curso de Relações Internacionais da Unesp em Franca. Regina vem de uma família bem simples, mas desde criança sempre foi apaixonada por estudar. Estudou tanto que fez graduação, mestrado e doutorado em ciência política e tem planos de continuar nessa jornada, quem sabe fazer um doutorado fora do país.

e. Djamila, 34 anos, mestranda em filosofia política e colunista da Carta Capital. Filha de pais militantes do movimento negro, cresceu com consciência racial e hoje se afirma uma feminista negra. Começou a graduação com vinte e sete anos, quando já estava casada e com uma filha, e não pretende parar de estudar. Sonha em ser professora universitária.

f. Gabriela, 30 anos, coordenadora de programação do SESC. Gabriela tem uma visão do todo, interessa-se por coisas completamente diferentes e, apesar de sempre ter pensado que isso poderia lhe trazer problemas, percebeu que é uma vantagem para o seu trabalho. Com poucos meses no SESC, engravidou e teve que aprender a conciliar casa e trabalho de uma maneira como nunca tinha vivido.

Todas as entrevistas com as personagens dos perfis foram feitas de forma presencial.

a. Ivete: Dois encontros em sua casa, no assentamento Horto Aimorés que fica entre Bauru e Pederneiras. O primeiro se deu por meio de uma conversa e um breve passeio pelo lote de terra e sua plantação. Já no segundo, houve um acompanhamento das atividades rotineiras de Ivete, como a colheita de frutas e verduras.

b. Olívia: Três encontros. O primeiro em sua casa, por meio de uma conversa de cerca de uma hora. O segundo no Centro Comunitário do Geisel para a produção das fotografias. E o terceiro novamente em sua casa, com o objetivo de tirar algumas dúvidas relativas à primeira conversa.

c. Gabriela: Quatro encontros, todos no SESC. O primeiro foi o principal, uma conversa de cerca de uma hora e meia. Os outros foram mais rápidos, para a produção das fotografias e complementação das informações.

d. Regina: Dois encontros na Unesp em Franca. O primeiro foi um acompanhamento de seu trabalho, enquanto Regina aplicava uma prova, e o segundo uma conversa de cerca de duas horas.

e. Djamila: Apenas um encontro, em São Paulo, devido a dificuldade de locomoção e a disponibilidade da fonte. A conversa se deu em um bar e teve duração de pouco mais de uma hora.

f. Ana Cláudia: Dois encontros, um em sua sala de trabalho, em uma conversa de cerca de uma hora, e outro em sua casa, para complementar algumas informações.

As entrevistas com as fontes da reportagem introdutória variaram. A conversa com Larissa Pelúcio foi presencial, em sua casa. Já com Marlise Matos e Lidia Possas, se deu por Skype.

Realizou-se uma transcrição de todas as entrevistas, a fim de auxiliar na hora da escrita do livro. Ao mesmo tempo em que foram feitas as entrevistas, começou-se a escrita dos perfis e da introdução, uma vez que se apenas tinha quatro meses para a produção do livro-reportagem.

Antes disso, durante a leitura da bibliografia, optou-se por fazer fichamentos para ajudarem na escrita tanto do livro quanto do relatório.

A edição dos textos foi realizada por Maximiliano, orientador do projeto, e Gabriel Hirabahasi, jornalista e amigo da autora do livro. Gabriel também diagramou o livro. A ilustração da capa foi feita por Priscilla Lampazzi, estudante de arquitetura e amiga da autora.

3.2 Descrição das técnicas empregadas

3.2.1 Perfis

Os perfis foram um retrato de cada uma das personagens, construídos por meio das impressões do pesquisador/jornalista e das informações colhidas nas entrevistas. O foco era tratar das questões pessoais e profissionais das fontes relativas ao fato de serem mulheres, estarem ocupando diferentes instâncias de poder, provavelmente viverem ou terem vivido dupla jornada, entre outros aspectos relacionados.

Optou-se por fazer os perfis em terceira pessoa e com falas das fontes para fundamentar a análise de cada uma das personagens. O objetivo era fazer um retrato fiel, com impressões objetivas e fundamentadas do pesquisador/jornalista, isto é, buscou-se não fazer análises e afirmações subjetivas sobre as personagens; tudo está embasado no comportamento e nas declarações das fontes.

No fim de alguns perfis, optou-se por apresentar uma minientrevista com aquela personagem. São assuntos que, de certa maneira, não se encaixaram no corpo do texto e que ao ver do pesquisador/jornalista ficaram melhor expostos assim: no fim e no formato de entrevista ping-pong. Mas não foi um padrão, alguns perfis tiveram, outros não.

3.2.2 Fotografia

A fotografia foi utilizada para ilustrar os perfis, uma vez que as fontes têm forma e cor. Mais do que isso, informou e deu significado a alguns aspectos que talvez só fossem possíveis de serem visualizados não-verbalmente. Mais do que registrar o todo, procurou-se registrar detalhes, representativos da maneira de ser de cada fonte, e por isso as fotos das mãos de cada uma das personagens.

Utilizou-se uma câmera Nikon D5300.

3.2.3 Entrevista

A entrevista é uma das principais técnicas jornalísticas e foi a base da produção do livro-reportagem. Segundo Marconi e Lakatos (2006, p. 197), “a entrevista é um encontro ente duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”.

Considerou-se aqui, entretanto, que a entrevista é mais do que um questionário, é uma conversa, um diálogo, que deveria ser algo interessante tanto para o entrevistador, que coletou dados e informações, quanto para o entrevistado. Para isso, foi realizado um acompanhamento da rotina de cada uma das personagens, a fim de promover uma aproximação entre ambos e fazer com que o pesquisador/jornalista ganhasse a confiança da fonte.

A entrevista, que visa obter respostas válidas e informações pertinentes, é uma verdadeira arte, que se aprimora com o tempo, com treino e com experiência. Exige habilidade e sensibilidade; não é tarefa fácil, mas é básica. Quando o entrevistador consegue estabelecer certa relação de confiança com o entrevistado, pode obter informações que de outra maneira talvez não fossem possíveis (MARCONI, LAKATOS, 2006, p. 201)

Utilizou-se o gravador do celular para gravar as entrevistas e facilitar o processo de escrita, bem como um caderno de anotações de pontos chaves e informações importantes da conversa

3.2.4 Reportagem

Optou-se por escrever a reportagem introdutória em primeira pessoa, pelo fato de ser uma autora, uma jornalista mulher, que justamente por isso está próxima do tema em questão. Foi o espaço encontrado para demonstrar essa proximidade da autora com a discussão, uma vez que os perfis estão escritos em terceira pessoa e trataram exclusivamente de questões pessoais e profissionais das fontes. De qualquer maneira, produziu-se a reportagem dentro dos padrões

jornalísticos, sendo escrita da forma mais objetiva possível e fundamentada por entrevistas com estudiosas do assunto e citações de livros, artigos e matérias de revista.

3.2.5 Jornalismo Literário

A escolha do Jornalismo Literário, com suas bases no *New Journalism*, tornou-se extremamente cabível no sentido de que é o formato que mais se encaixa a um livro-reportagem. Se o objetivo era contar histórias reais, de maneira jornalística, a literatura de não-ficção era uma necessidade.

LIMA (2008, p. 43) diz que a literatura é o recurso narrativo apropriado ao livro-reportagem e que a fluência da leitura é primordial, uma vez que “só o casamento adequado entre o conteúdo e a forma – vale dizer, a organização da mensagem – traz um bom resultado”.

O Jornalismo Literário pressupõe o contato do pesquisador/jornalista com as personagens e a vivência no ambiente das mesmas. Ainda segundo Lima (2008, p. 46), é necessário que o repórter se lance a campo aberto, “nos cenários sobre os quais escreveria, para melhor sentir a realidade” e que dessa maneira o livro-reportagem tem “calor, vida, rostos, nomes”. Houve uma preocupação com essa vivência na produção do livro-reportagem.

3.3 Descrição do produto final

O livro-reportagem foi dividido em sete capítulos. O primeiro capítulo é uma reportagem introdutória contextualizando e trazendo os caminhos que as mulheres percorreram para chegarem a diferentes instâncias de poder. Os capítulos restantes são perfis, cada capítulo é um perfil diferente, que totalizam seis.

O tamanho de cada perfil variou de oito mil caracteres (com espaço) a doze mil. A reportagem introdutória tem cerca de quinze mil. Cada perfil tem duas fotos:

uma do rosto de cada personagem e outra das mãos; com isso, pensou-se retratar melhor cada fonte, por acreditar-se que as mãos dizem muito sobre uma pessoa. A reportagem introdutória não tem fotografias.

O livro tem 62 páginas. O tamanho é B5 (176mm x 250mm) e o papel é couche.

É de extrema importância destacar que a escolha das personagens foi plural seguindo alguns critérios. Primeiramente, tinham que ser mulheres. Em segundo lugar, fontes de diferentes idades, diferentes classes sociais e econômicas e diferentes raças. Isso porque entendeu-se que no Brasil, local de análise do livro, as mulheres são de fato plurais e que suas histórias de vida e a maneira como enfrentam as dificuldades têm relação direta com isso. A jovem de vinte anos, por exemplo, tem interesses diferentes do que a senhora de setenta e poucos; da mesma maneira, a mulher negra passa por situações diferentes que a mulher branca, uma vez que o racismo ainda está bem presente na atual sociedade; e a mulher de classe C e D sem dúvida também difere da de classe A e B.

Consciente dessa pluralidade e atento a essas três linhas de delimitação das personagens, escolheu-se seis mulheres que se encaixam no padrão estabelecido. Procurou-se também explorar as várias instâncias da sociedade: a mulher na política, na cultura, na educação, no campo, nos movimentos sociais, no mercado de trabalho, etc.

4. PLANEJAMENTO DO PRODUTO JORNALÍSTICO

4.1 Público-alvo e circulação do produto

O público-alvo do livro é amplo. Por ser uma produção que trata de assuntos que estão constantemente presentes nas discussões atuais, como mulher, mercado de trabalho, machismo e feminismo, pode interessar a diversas pessoas. É importante destacar que não é uma produção direcionada unicamente às mulheres, mas que um dos principais objetivos é inspira-las com os exemplos trazidos em forma de perfis.

Da mesma forma que a escolha das personagens foi plural, o público-alvo também pode ser: pessoas de diferentes idades, classes sociais e raças. Não há um padrão pré-estabelecido, uma vez que o livro-reportagem está disponível em formato PDF para download na internet e pode, assim, atingir um maior número de pessoas e um público-alvo diversificado.

Além disso, a linguagem jornalística literária foi utilizada de maneira a ser mais acessível, ao se pensar desde o início justamente neste público-alvo amplo. Sabe-se, entretanto, que existem algumas limitações, como o acesso a internet, mas dentro das limitações sempre foi uma preocupação fazer com que o produto seja facilmente encontrado e “consumido”.

4.2 Custos de produção

Os gastos com o livro-reportagem envolveram:

- a. Transporte dentro de Bauru, cerca de R\$ 80,00 com gasolina.
- b. Transporte a outras cidades: gastos com passagem ida e volta, transporte dentro da cidade e alimentação: Franca (cerca de R\$ 100,00) e São Paulo (cerca de R\$ 200,00), totalizando R\$ 300,00.
- c. Impressão de quatro exemplares do livro: R\$ 500,00.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O processo de produção do livro-reportagem “Ser mulher: uma jornada mais que dupla” durou cerca de quatro meses e foi bastante prazeroso. A escolha da produção de um livro se deu justamente pelo fato de a autora gostar de jornalismo impresso, de livro-reportagem e de fotografia. O tema também é de interesse da autora, uma vez que trata de questões importantes relativas às mulheres e ao movimento feminista no Brasil. Ter contato com diferentes mulheres e com diferentes histórias de vida e experiências se tornou em um fator muito enriquecedor. A melhor parte, sem dúvida, foi pegar o caderno de anotações e ir para a rua com olhar e ouvidos aguçados, da maneira como um bom repórter deve fazer.

Por outro lado, surgiram algumas dificuldades durante a produção. A principal delas diz respeito ao contato com as fontes, pois muitas vezes as pessoas se mostravam solícitas a princípio, mas depois não respondiam mais, ou então marcavam um horário e de repente desmarcavam. Além disso, algumas entrevistas se tornaram inviáveis pelo fato da fonte morar muito longe e a conversa ter que ser necessariamente presencial para a boa elaboração dos perfis.

Somado a essas dificuldades, o mês de julho dificultou este contato, uma vez que geralmente as pessoas estão de férias e optam por não assumir nenhum compromisso, como dar entrevistas, por exemplo.

De qualquer maneira, o resultado de todo esse processo é gratificante. Pode-se concluir que os objetivos específicos foram atingidos. Conseguiu-se produzir um livro acessível, devido a sua linguagem e diagramação, que está disponível na internet e pode ser acessado de maneira gratuita. Além disso, a

pluralidade das fontes e a qualidade do conteúdo sempre foi uma preocupação da autora e se espera que seja um marco deste produto.

Para concluir, é essencial ressaltar que a experiência de se produzir um livro-reportagem foi importantíssima para a formação da autora como jornalista. Todas as fases, desde a pré-produção até a impressão dos exemplares, trouxeram aprendizados e serviram como uma oportunidade de por em prática também alguns aprendizados que já tinham sido adquiridos durante a graduação.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AVERBUCK, C. **Feminismo para leigos**. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/blogs/feminismo-pra-que/feminismo-para-leigos-3523.html>>. Acesso em 02 jul. 2015.

BARTHES, R. **A câmera clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

CORTEZ, M; SOUZA, L. **Mulheres (in)Subordinadas**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v24n2/05.pdf>>. Acesso em 04 jul 2015.

GODINHO, T; VENTURI, G. **Mulheres Brasileiras e Gênero nos espaços público e privado**: uma década de mudanças na opinião pública. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013.

GOHN, M. Mulheres em movimento. Movimento de mulheres. In: **Novas Teorias dos Movimentos Sociais**. São Paulo: Loyola, 2014.

GROSSI, M. **Uma breve história do feminismo no Brasil**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v12nspe/a23v12ns.pdf>>. Acesso em 25 jun 2015.

LIMA, E.P. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LIMA, E.P. **Páginas Ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2009.

PESSA, B. **Livro-reportagem: origens, conceitos e aplicações**. Disponível em: <http://www2.metodista.br/unesco/1_Regiocom%202009/arquivos/trabalhos/REGI OCOM%2034%20-%20Livro%20Reportagem%20O%20que%20%C3%A9_%20para%20qu%C3%AA %20-%20Bruno%20Ravanelli%20Pessa.pdf>. Acesso em 10 jul 2015.

SAFFIOTI, H. Rearticulando Gênero e Classe Social. In: **Uma questão de Gênero**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992, p. 183-203.

SARTI, C. **O feminismo brasileiro desde os anos 1970**: revisitando uma trajetória. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2004000200003>. Acesso em: 28 jun 2015.

STEFANO, F. Cotas para mulheres? **Revista Exame**. São Paulo, edição 1091, ano 49, nº 11, p. 32-44.

WOLFE, T. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.